

ORIGEM E UTILIZAÇÕES DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA E NAS ARTES

Maíra Kahl Ferraz – Instituto de Geociências da Universidade de Campinas (IG-UNICAMP)

RESUMO

Este trabalho visa realizar uma breve investigação semântica da palavra paisagem a fim de compreender suas diferentes interpretações. Assim como o conceito de paisagem sofre alterações com o decorrer dos anos influenciado pelas necessidades das sociedades vigentes, a pintura de paisagem também se modificou. Este trabalho buscará analisar as diferentes maneiras de representar a paisagem, além de compreender como este conceito na geografia vem se transformando.

INTRODUÇÃO

As ciências são influenciadas pelos contextos históricos e culturais de um determinado período e lugar, o mesmo ocorre com a geografia que utiliza a cada corrente e momento um conceito chave. A paisagem, por exemplo, foi utilizado na sistematização desta ciência sendo posteriormente refutado por muito tempo quando a chamada geografia cultural o retomou, no início do século XX. Tendo como aporte a geografia cultural podemos associar questões simbólicas e imateriais às temáticas geográficas. A geografia cultural permite ainda, que dialoguemos com outras ciências.

O conceito de paisagem foi norteador para a sistematização da ciência geográfica por Humboldt, no século XIX, para ele os elementos naturais estavam todos conectados e através da paisagem era possível a análise do conjunto, além disto, ele ressaltava o caráter estético desta. Entretanto tal conceito caiu em desuso das discussões geográficas posteriores.

O debate acerca do conceito de paisagem é importante para a apreensão de seu uso na ciência geográfica, também é prezável a análise semântica da palavra, pois ao considerar a origem e a história das palavras é possível compreender suas variações e utilizações, uma vez que o aparecimento e o significado de uma palavra estão fortemente ligados com o contexto cultural em que ela surge, o mesmo aconteceu com a paisagem. A primeira evidência desta palavra remete a *Landschaft*, em Alemão surgido no século XVI, cujos significados originais variam de uma aproximação com a estética ao território e quando o termo é adotado em outras línguas há alterações em seu significado.

Houve e ainda há diversas concepções sobre a paisagem, porém a visão que foi muito difundida, principalmente durante o Renascimento, a definia como “uma porção do espaço que pode ser observada com um golpe de vista” sendo influenciada por elementos estéticos que perdurou na geografia e atualmente é revistada e discutida.

Sendo a paisagem produto das relações humanas, esta é polissêmica e dinâmica e nelas são expressos elementos materiais e também simbólicos. Os elementos simbólicos criados pelos homens são muitos, como religião, línguas, artes, entre outros. Ao obter a paisagem como objeto de estudo podemos associá-la a um texto que pode ser lido e explanado de diversas maneiras, porém ao interpretá-la devemos nos atentar a esta vasta gama de elementos que a envolvem.

Entendemos a paisagem como “um depósito da História, portanto também um produto de uma ‘prática’ entre os indivíduos, desigual em sua ação sobre a paisagem, e uma realidade material à qual eles são confrontados” (BAILLY, RAFFESTIN & RAYMOND: 1980:278 *apud* MELO, 2005, p. 9159). Podemos então observar os elementos simbólicos e materiais expressos nas paisagens.

Compartilhamos com a idéia de Cosgrove (1998) de que todas as atividades humanas são ao mesmo tempo materiais e simbólicas, a paisagem refletindo estes símbolos, e segundo Clark (2009) a arte também é simbólica, assim como a maneira na qual aceitamos estes símbolos. Assim pretendemos compreender paisagem considerando tanto seus aspectos cognitivos quanto materiais.

A paisagem é um gênero bastante difundido nas artes plásticas e a geografia desde sua sistematização está conectada às artes, pois para Humboldt arte e ciência eram indissociáveis. Porém a influencia da perspectiva racionalista na ciência limitou a compreensão dos objetos de estudo a uma perspectiva material e então neste contexto a arte e ciência, que eram vistas anteriormente como indissociáveis, foram fragmentadas.

Esta ciência calcada sob moldes racionalistas não nos permite contemplar os valores simbólicos e imateriais manifestados nas sociedades, contudo atualmente este fato está sendo revisto e novas probabilidades surgem unindo novamente este dois campos. Com isto surge no século XX um termo em alemão, *Kunstgeographie*, que relaciona as artes com a ciência geográfica e a história, possibilitando uma visão mais integrada das análises geográficas e a conexão com outros campos.

Portanto o objetivo deste trabalho é analisar brevemente a origem semântica da palavra paisagem a fim de entender seus usos na geografia e nas artes, além de realizar uma discussão em torno do conceito de paisagem, buscando relacionar sua origem e trajeto no campo da ciência geográfica e das artes plásticas, especialmente da pintura de paisagem.

A ORIGEM SEMÂNTICA DA PAISAGEM

Os homens se comunicam através de representações simbólicas que podem ser expressos em palavras, frases e símbolos que estão intimamente relacionados aos significantes, portanto o significado de uma palavra esta associado às manifestações culturais de determinadas sociedades. Deste modo múltiplos significados podem ser atribuídos a mesma palavra.

De acordo com Naveh e Lieberman (1984) o termo mais antigo referente à paisagem aparece no livro dos Salmos (48.2) em hebraico como *noff* que estaria provavelmente relacionado com *yaff* que remete a beleza estes termos provavelmente permitiram a associação estética da paisagem.

Os diversos significados podem causar confusões e gerarem discussões ao serem utilizados, principalmente quando se tornam conceitos científicos, com relação ao conceito de paisagem Hartshorne (1939) já problematizava o emprego do conceito de paisagem na geografia norte americana, uma vez que este foi derivado do termo alemão *Landschaft*, dotado de uma dupla significação.

Para Olwig (1996) esta confusão está associada à criação do termo primeiramente em alemão para designar uma área do território e posteriormente a adoção do termo para o novo gênero artístico que se expandia no século XVI e foi nesta concepção que a palavra paisagem foi introduzida na língua inglesa. Este fato marca a aproximação entre o conceito de paisagem empregado na geografia com as características estéticas.

Na língua italiana a palavra *paesaggio* é derivada do francês *paysage*, proveniente de *pays* que está associado a um espaço limitado que traduzido literalmente significa país, na origem latina a palavra paisagem esta fortemente relacionada com características estéticas. Segundo Vitte (2007) o contexto moderno de paisagem está associado ao termo *paesaggio* desenvolvido durante o Renascimento.

Socco (1998) diz que a amplitude e a heterogeneidade do horizonte polissêmico da paisagem dependem da cultura que estamos inseridos e, além disto, enfatiza a infinita potencialidade semântica da palavra paisagem, porque esta pode exprimir não só o significado da linguagem falada, mas também outras sensações.

Segundo Jones (2003) os vários ramos científicos adotam o conceito de paisagem de diferentes maneiras dependendo das tradições acadêmicas e métodos, o que para ele contribui para a falta de compreensão e de dialogo entre os usuários do conceito de paisagem ou não promove, portanto um único significado correto. Entretanto entendemos que as diferentes concepções dos conceitos efervescem as discussões, já que não há um consenso na utilização do termo.

PAISAGEM: GENÊRO ARTISTICO E CONCEITO GEOGRÁFICO

A ânsia do homem por entender o mundo em que vive foi manifestada de diversas maneiras entre as ciências e as artes, pontos que consideraremos neste estudo abarcando o conceito de paisagem e mais especificamente a ciência geográfica e suas relações com a pintura de paisagem.

As ciências são mutáveis, bem como os métodos e metodologias por elas adotadas. Foi em um destes contextos de transformações que o naturalista alemão Alexander Von Humboldt desenvolveu seus estudos. No final do século XVIII a ciência passava a adotar modelos racionalistas e universalistas e Humboldt, influenciado pelo romantismo alemão, busca através de outras diretrizes desenvolver suas pesquisas: “Alexander Von Humboldt revela em suas obras esse conjunto de transformações e, mais do que isso, se coloca conscientemente, a partir da criação de uma forma de ciência inovadora, o desafio de responder ao embate ontológico que acompanha estas discussões” (VITTE; SILVEIRA, 2010, p.180). Considerava os elementos estéticos e as artes para produzir ciência, pois:

A arte era união, o ponto de confluência de todo o desenvolvimento da humanidade em sua história; era a tensão no imediato da progressão infinita que transforma. Aquilo que a ocupa, o valor atribuído aos objetos, o sentido de todas as representações lingüísticas e imagéticas guardam um novo significado, capaz de reintegrar tudo o que no conhecimento se apresentava em ruptura e de forma dispersa, dividida. Causas eficientes e causas finais, natureza e homem, encontram na resignificação da arte um ponto de apoio, de síntese, que, para além de reunir em si uma composição meramente representativa, acaba por simbolizar a mais elevada forma de saber humano (SILVEIRA, 2012, p. 262)

A fim de integrar as artes, a estética e as ciências Humboldt desenvolve o conceito de paisagem que se torna norteador em suas pesquisas, além da utilização de pinturas de paisagem por ele produzidas. Em seu livro *Quadros da Natureza (Ansichten der Natur)* Humboldt expõe vários argumentos sobre a pintura de paisagem e tece relações entre a ciência e estética:

O livro fora, portanto, organizado como uma série de écfrases da natureza e, assim, conscientemente vinculado a um gênero clássico da retórica de grandes conseqüências para a construção da tradição artístico-literária. Esse fato posiciona firmemente a obra de Humboldt não só no âmbito do discurso científico, ao qual ela certamente pertence, mas também no âmbito de um discurso estético, apresentando-se inequivocamente como literatura (MATTOS, 2004, p. 153).

Com relação ao conceito de paisagem adotado por Humboldt, como este integrava vários elementos naturais e humanos, influenciado por Hackert e procurava uma integração holística, ele a definiu como “the total character of an Earth region” (NAVEH; LIEBERMAN, 1984, p.4). Apesar da definição resumida aqui exposta, a concepção de Humboldt sobre a paisagem é extremamente complexa merecendo estudos específicos sobre este conceito, entretanto não pretendemos nos aprofundar nesta discussão.

O entendimento e a utilização do conceito de paisagem sofreram e ainda sofre transformações na sua concepção à medida em que se modifica a compreensão da natureza, o mesmo ocorre com as pinturas de paisagem; “Landscape paintings marks the stages in our conception of nature” (CLARK, 2009, p. 1.).

Como entre os séculos XV e XVI a influência da igreja católica era expressiva nas sociedades, principalmente na Itália, as pinturas da época retratavam a nobreza e o clero e tinham a paisagem apenas como pano de fundo, sendo responsável mais pelo equilíbrio da composição do que como elementos simbólicos, segundo Clark (2009) isto também ocorria porque havia valorização do homem sobre a natureza. Porém mudanças de ordens socioeconômicas e estéticas fizeram com que a paisagem pouco a pouco fosse saindo do segundo plano e tornando-se o tema principal das obras; “Backgrounds were increasingly occupied with scenes of daily life – figures, buildings, castles, cities, mountains, hills, plains, rocks, costumes, animals, birds and beasts of every kind” (COSGROVE, 1984, p. 88).

A obra do italiano, considerado pré-renascentista, Giovanni Bellini ilustra como a paisagem era utilizada na composição da obra na Itália neste período. Em *Madona degli Alberetti* (FIGURA – 01) a figura principal no primeiro plano e que ocupa quase toda a tela é o busto da Madona que carrega em seus braços o bebê, ao fundo dos dois há um pano dourado e no segundo plano aparece a paisagem como duas árvores simetricamente dispostas, a união dos elementos lembra um altar. Segundo Kohnen, nesta fase da pintura italiana os corpos ganham plasticidade e “vêm-se as particularidades da vida orgânica, da vida interior do homem individual” (1957, p.79), ele ressalta ainda a importância do homem na arte.



**FIGURA 01– Madona degli Alberetti,1487.
Bellini, Giovanni.**

Óleo s óleo sobre painel, 74x58 cm

Gallerie dell'Accademia, Veneza

Disponível em: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/images/renascimento/segunda_geracao/giov

Acessado em: 20 de Janeiro de 2013.

Durante o século XVI, nos países nórdicos a pintura de paisagem já torna-se tema central das obras e a utilização da palavra *Landschaft* é associada às pinturas de paisagem: “When one examines the social and historical context of the sixteenth-century origins of Northern European landscape art, it becomes clearer why the term *Landschaft* should have become attached to a genre of painting that became popular with the people of North Europe” (Olwig, , 1996, p.633). Ainda segundo Olwig, um dos fatores para que isto ocorresse foi a criação de constituições e leis próprias que legitimavam a representação local e a formação de instituições nacionais, e Cosgrove (1984) associa estes eventos a formação do capitalismo que para ele propiciou a constituição da pintura de paisagem como um gênero nesses países.

Um dos pintores mais notórios deste gênero foi Peter Brughel, o Velho, em suas obras podemos observar a mistura de elementos humanos e naturais, inovando a pintura de paisagem uma vez que em suas paisagens apareciam cenas cotidianas, como festividades, caças, colheitas:

Bruegel's use of landscape also defies easy interpretation, and demonstrates perhaps the artist's greatest innovation. Working in the aftermath of the Reformation, Bruegel was able to separate his landscapes from long-standing iconographic tradition, and achieve a contemporary and palpable vision of the natural world (WISSE, 2002)

Em sua série Estações, que é hoje composta por cinco quadros, inúmeros detalhes do cotidiano de uma dada sociedade são representados, porém é a mudança na paisagem causada pelos fatores climáticos que são enfatizados. Um desses quadros, Caçadores na Neve (FIGURA-02), percebemos que a paisagem não está separada em primeiro ou segundo plano, ela ocupa toda a composição. No primeiro plano vemos os caçadores acompanhados de uma matilha caminhando com suas armas por entre as árvores secas, provavelmente estão chegando de uma jornada e ao lado um grupo de pessoas mantém o fogo aceso. Há várias casas e algumas torres mais altas cobertas de gelo, os lagos estão congelados com pessoas patinando sobre eles. O predomínio de tons acinzentados é utilizado para caracterizar a estação mais fria do ano.

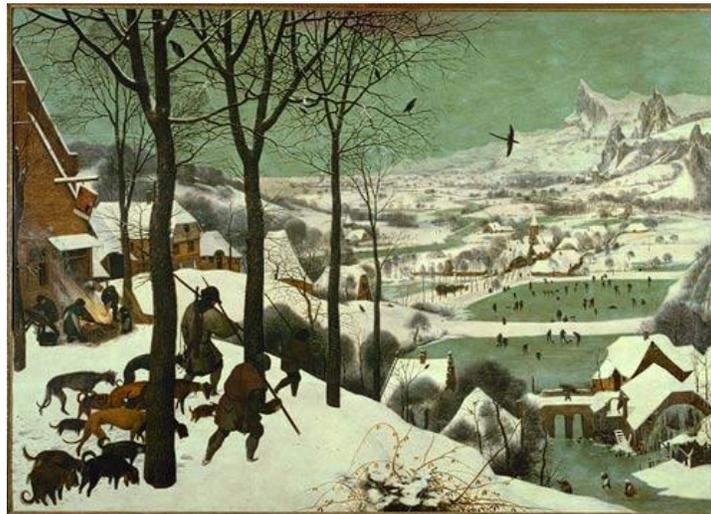


FIGURA 02– Caçadores na Neve,1565.

Bruegel, Peter.

Óleo s óleo sobre painel, 117x162 cm

Kunsthistorisches Museum, Vienna

Disponível em: http://www.metmuseum.org/toah/hd/brue/hd_brue.htm

Acessado em: 20 de Janeiro de 2013.

A perspectiva organizou os elementos da paisagem e rompeu as linhas dos planos, afastando e aproximando os elementos; “A perspectiva nos permite reproduzir em duas dimensões a ilusão realista de

um espaço composto racionalmente de três dimensões. Ordem e forma consistentes podem ser impostas intelectual e praticamente ao mundo externo” (COSGROVE, 1989, p. 98). Vários tratados foram realizados para formular teoricamente a perspectiva, tanto na Itália quanto nos países nórdicos, a associação com a matemática era muito clara nos tratados.

O desenvolvimento da perspectiva está relacionado com a nova forma racional de ver o mundo. No século XVIII com as mudanças sociais os artistas passaram a ter mais liberdade e a paisagem começou a dominar as pinturas. O sujeito e as ações tornaram-se menos significante.

Somente no século XVIII é que há de fato uma mudança. A pintura passa a ser uma disciplina ensinada em academias e os pintores adquirem autonomia para pintar o que sua imaginação quiser ou então, paisagens, agora não mais como pano de fundo, mas imitações da natureza no plano principal (MYANAKY, 2003, p 27).

Os artistas usavam as pinturas como veículo para retratar de maneira mais fundamental e expressivamente realista a natureza da paisagem, “... muitos artistas tomaram conscientemente rumos próprios, que os conduziam para além dos debates estéticos acadêmicos, levando-os a uma crescente valoração da observação imediata da Natureza” (KELLER, 2008, p.25).

As missões exploradoras dos países europeus permitiram retratar o “Novo Mundo” através dessas novas técnicas realistas e com o decorrer do tempo essas novas formas de reproduzir a paisagem foram sendo desenvolvidas, baseada principalmente no romantismo e naturalismo, como observou Stevens (1994, p. 14): “Interestingly, naval officers were also trained in the use of water color so that they could record the topography of the New World, which was being opened up to trade and conquest.” As pinturas eram utilizadas como material científico e não era raro os geógrafos pintores, unindo assim arte e ciência.

Humboldt foi um dos mais importantes exploradores, em suas expedições era assistido por artistas que reproduziam de forma fiel os lugares que estavam sendo estudados. As pinturas eram utilizadas para auxiliar na síntese científica, ele dizia: “... a perfeição alcançada nos últimos anos pela pintura em grandes dimensões [...] tem tornado mais geral e mais forte a impressão que produz a paisagem. [...]” (HUMBOLDT *apud* KELLER, 2008, p.25).

Entretanto para Humboldt não eram todas as pinturas de paisagem que auxiliavam a ciência. Ele adotou um modelo de pintura de paisagem clássica; “Um modelo que buscava realizar uma síntese entre as duas grandes tendências do gênero herdadas do século XVII: a pintura de paisagem ideal e a pintura de vista, originária do norte da Europa” (MATTOS, 2004, p.155).

Em Jacob Hackert, um dos pintores que participou das expedições com Humboldt, notamos a grande influência naturalista da época (Figura - 03). Ele: "... captava os detalhes da natureza, os tipos de árvores, a geografia da paisagem e a atmosfera própria ao local retratado, porém sem ser subserviente ao real, como no caso da pintura de vista de origem nórdica, mas extraindo dessa paisagem..." (MATTOS, 2004, p. 158).



Figura 03 – A Grande Cascata de Tivoli, 1783.

Hackert, Jacob Philipp.

Óleo sobre tela. Museu de St. Petersburg.

Disponível em: <http://www.kunstpedia.com/articles/caspar-david-friedrich-and-the-german-romantic-landscape.html>

Acessado em: 21 de Janeiro de 2013.

Foi no século XIX que a paisagem deixa de ser um dos gêneros inferiores na hierarquia das artes e passa à uma posição dianteira, sendo associado a novas concepções da natureza e a idéia do sublime adotada pelo movimento romântico (MATTOS, 2004). Estes novos ideais influenciam a conceitualização e a adoção de paisagem por Humboldt que a utilizou para iniciar a sistematização da geografia.

Durante o século XIX emergiram intensos reflexos das revoluções dos séculos anteriores, como a Revolução Francesa e Industrial, o que caracterizou grandes mudanças políticas, econômicas e sociais e também interferiu profundamente nos movimentos artísticos. A fim de romper com os antigos padrões renascentistas e da própria perspectiva, surge na França um movimento artístico que modificaria

intensamente a maneira de representar a paisagem, o impressionismo. Neste movimento a paisagem teve um papel fundamental, e as cores eram mais relevantes do que o desenho.

Um dos grandes mestres deste movimento foi Claude Monet, influenciado pela arte oriental e por Ticiano e Claude Lorrain, “Monet buscava a verdadeira realidade por trás da aparência visual esticando a cor até seu limite e procurando, na própria natureza, aquelas nuances significantes que expressam a realidade do mundo” (SWINGLEHURST, 1994, p.5).

Os impressionistas deixaram os ateliês e passam a pintar ao ar livre, por vezes pintando o mesmo lugar em vários horários do dia a fim de representarem as diferentes tonalidades proporcionadas pela incidência solar. O quadro de Monet (FIGURA-04), Nascer do Sol, deu o nome ao movimento e as pessoas da época ficaram chocadas ao vê-lo. Neste quadro o artista representa o nascer do sol no porto de Havre (SWINGLEHURST, 1994) e, com pinceladas livres, não determina com nitidez as formas das embarcações ao fundo ou do próprio barco com pessoas na parte da frente. A utilização de tintas originais sem muita mistura de pigmentos na obra são uma das características do impressionismo.

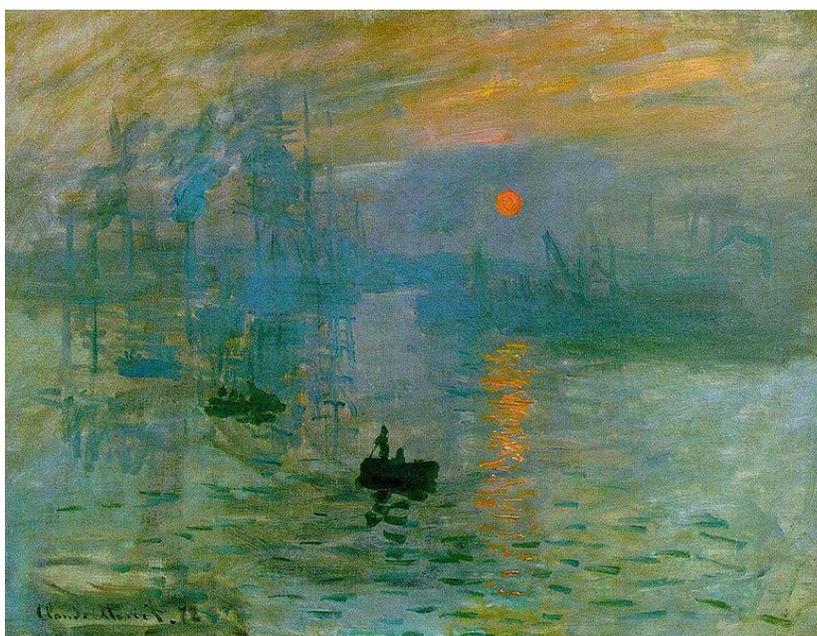


Figura 04 – Nascer do sol, 1864.

Monet, Claude.

Óleo sobre tela, 48X63cm.

Musée Marmottan Monet

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Claude_Monet,_Impression,_soleil_levant,_1872.jpg

Acessado em: 21 de Janeiro de 2013.

Apesar da extrema importância que teve o conceito de paisagem para Humboldt logo outros foram adotados e desenvolvidos na geografia, como território, região e espaço. Isto relegou conceito de paisagem ao desuso nas discussões geográficas até o século XX, quando Carl Sauer em seu artigo intitulado *Geomorphology of landscape* (1922) se dispõe a compreender as transformações impostas pela cultura sobre a natureza e para embasar seus estudos utiliza o conceito de paisagem definido como: “o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos” (SAUER, 1998, p. 23).

Segundo Sauer toda paisagem tem uma individualidade e: “... a paisagem não é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais” (SAUER, 1998, p. 24). Sauer também considerou os aspectos culturais das sociedades e a forma que as características são manifestadas na paisagem. Para ele a cultura é um elemento que age sobre o meio natural resultando na paisagem cultural:

As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagem com uma sucessão de culturas. Elas derivam em cada caso da paisagem natural, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação. De especial importância é aquele clímax de cultura que chamamos de civilização. A paisagem cultural então é sujeita a mudança pelo desenvolvimento da cultura ou pela substituição de culturas. (SAUER, 1998, p. 43)

Apesar de existirem várias críticas sobre os estudos de Sauer, principalmente à sua conceitualização sobre cultura, pois estava muito atrelada aos estudos desenvolvidos pela antropologia da escola de Berkley que a entendia como supra-orgânica, seus trabalhos foram relevantes por inserirem a cultura na discussão geográfica, antecedendo assim a geografia cultural e por resgatarem o conceito de paisagem. Porém, novamente as mudanças nos campos sociais e científicos puseram a paisagem de lado e novos conceitos surgiram como o de ecologia da paisagem criado na Alemanha por Troll (1938). Ele buscava muitas fontes na ecologia, o que o permitiu inserir fatores abióticos e bióticos para abordar os fatores totais da “geografia da paisagem”, tornado mais integrado e sistêmico o entendimento deste conceito, definindo-a como: “the total spatial and visual entity of human living space, integrating the geosphere with the biosphere and mesospheric man-made artifacts” (NAVEH; LIEBERMAN, 1984, p.4).

A adoção de modelos matemáticos na geografia, consagrando o modelo hipotético dedutivo, no fim da década de 1950, coloca mais uma vez o conceito de paisagem de lado, valorizando então o conceito de espaço. Nesta época buscava-se através de uma linguagem matemática o cientificismo, os resultados das pesquisas eram quantitativos. A respeito da geografia quantitativa Santos critica:

O maior pecado, entretanto, da intitulada geografia quantitativa é que ela desconhece totalmente a existência do tempo e suas qualidades essenciais. A aplicação corrente das matemáticas à geografia permite trabalhar com estágios sucessivos da evolução espacial, mas é incapaz de dizer alguma coisa sobre o que se encontra entre um estágio e outro. Temos, assim, uma reprodução de estágios em sucessão, mas nunca a própria sucessão (SANTOS,2002, p. 75)

Na década de 1970 surgem algumas vertentes geográficas, como a denominada geografia crítica, que, influenciada pelos estudos marxismos e pelo método histórico dialético, mantém o espaço como centro das discussões. O espaço é entendido como sendo produzido pelo homem ao longo do tempo.

Segundo Santos (2002, p. 153): “O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente”. Contudo, Santos não deixa de discutir o conceito de paisagem, que para ele é tido como algo estático, herança de um tempo passado, pois as formas criadas no passado coexistem em um momento atual, já que no espaço as formas que o compõem no momento atual, exercem uma função atual, e ainda “a paisagem e apenas uma abstração apesar de sua concretude como coisa material” (SANTOS, 2004, p. 108).

Paralelamente à geografia crítica, empregando-se do método fenomenológico, emerge a geografia humanista, devido a necessidade de valorizar o ser humano no espaço que este ocupa. O principal expoente desta nova tendência é Yi-Tu Tuan, que utilizou-se, em seu livro *Topofilia* (1974), da percepção para entender as interações entre os homens e o meio. Para ele: “A Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p.160).

Tuan também fez considerações relevantes a respeito da paisagem, que era compreendida de forma holística, considerando tanto elementos materiais, como simbólicos. Para Tuan a paisagem havia sido considerada pelos homens como um pano de fundo, pois se esqueciam de dar os valores aos símbolos, que para ele eram muito importantes para a compreensão, pois:

Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que acumularam através do tempo. As experiências profundas muitas vezes tem um caráter sagrado, extra-terreno, mesmo quando se originam na biologia humana. Quando os

símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra (TUAN, 1982, p. 166).

Houve também, durante a década de 1970, a revalorização da geografia cultural, que havia se desvalorizado devido a redução do homem perante às grandes mudanças econômicas, políticas, sociais decorrentes dos avanços do sistema capitalista, fazendo com que muitos acreditassem que a cultura se homogeneizaria. “A “Nova” Geografia Cultural valoriza a cultura, pois através dela, pode-se entender “o meio pela qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída”. (COSGROVE & JACKSON, 1987, p. 136 In: CORRÊA & ROSENDAHL, 1998).

Neste período, o russo Sotchava, a fim de compreender a paisagem como um sistema composto por outros subsistemas, cria o conceito de Geossistema (Sistema Geográfico ou Complexo Natural Territorial). Caracterizado como uma organização de sistemas complexa e policêntrica que está em constante transformação, tendo os subsistemas que o compõem transformando-se em velocidades diferentes, que justifica a adoção de uma análise integrada.

Além disso, todas as variantes estão subordinadas a uma variante que está relacionada à prognose geográfica, afetada pela ação do homem. Para a realização da prognose geográfica deve existir um estudo complexo, porém Sotchava considerava apenas os aspectos naturais, estando os fatores socioeconômicos em outras bases:

Embora os geossistemas sejam fenômenos naturais, todos os fatores econômicos e sociais, influenciando sua estrutura e peculiaridades espaciais, são tomados em consideração durante o seu estudo e suas descrições verbais ou matemáticas. Modelos e gráficos de geossistema refletem parâmetros econômicos e sociais influenciando as mais importantes conexões dentro do geossistema, sobretudo no que se refere as paisagens grandemente modificadas pelo homem. (SOTCHAVA, 1971, p.6).

Contemporâneo de Sotchava, o francês Bertrand, influenciado pelos estudos da Teoria Geral dos Sistemas, entendia que a ciência cartesiana fragmentava a análise global da paisagem e isto poderia ser superado com a adoção do paradigma sistêmico. Assim ele buscava integrar fatores sociais e naturais; “Não somente todos os componentes conhecidos visíveis ou invisíveis são levados em consideração, mas ainda são analisados como elementos de um conjunto dotado de propriedades específicas.” (BERTRAND, p. 149, 1972), a fim de revelar a diversidade.

Mais tarde, na década de 1990, Bertrand cria o conceito de GTP com o intuito de “Integrar a totalidade da interface natureza-sociedade e de revelar sua diversidade” (BERTRAND, p. 90, 2007), baseado em um sistema tripolar onde três subconjuntos se organizam em torno de três conceitos:

geossistema, território e paisagem. Ele insere o conceito de paisagem, pois segundo Bertrand havia dificuldades em inserir na discussão a cultura, e aponta ainda que a paisagem se limitava a duas discussões: paisagem como natureza-sujeito, onde predominam as discussões culturais, e paisagem como natureza-objeto, que enfatiza o natural. Para ele a paisagem seria uma interrelação entre objeto e sujeito. Ele diz que: “A paisagem deve ser recolocada no coração da sociedade, lá onde a cultura e a sensibilidade vêm interferir com as questões socioeconômicas e ecológicas, muito especialmente aquelas que relevam da gestão do meio ambiente e da transformação dos territórios” (BERTRAND, p.266, 2007).

A importância do conceito de paisagem na geografia tem variado, porém a partir de seu resgate na década de setenta tornou-se um conceito chave para a Geografia Cultural, podendo apresentar várias matrizes epistemológicas, ora privilegiando seu caráter morfológico, ora as influências das ações humanas (CORRÊA, 1998).

Atualmente os geógrafos culturais privilegiam o estudo da paisagem a partir da experiência e percepção do observador. Compartilhamos com esta idéia e, além disto, em nossos estudos entendemos a paisagem como marca e matriz: “A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação...” (BERQUE, 1984, p. 84). A paisagem ao mesmo tempo em que é vista por um observador, age determinando seu olhar.

O homem age sobre o meio ambiente e o altera tornando-se então um produto social proveniente da ação humana e, além disto: “landscape represents an historically specific way of experiencing the world developed by meaningful to, certain social groups” (COSGROVE, 1984, p.15). Devido esta apropriação e transformação do meio há a criação de símbolos.

Os símbolos se modificam também nas artes, o gênero de paisagem que foi tão recorrente no século XIX perde sua importância no século seguinte, segundo Freitas e Dória (2011), no século XX, com o modernismo há uma negação do passado, pois a classificação em gêneros e o academicismo foram tidos como um obstáculo para alguns artistas. Ainda assim, os autores apontam que há a presença da paisagem na arte contemporânea, só que estas buscam um dialogo entre as tendências contemporâneas e tradicionais.

Consideram-se as representações para entender as culturas, bem como as mudanças sofridas por estas. Isto é de grande importância, pois a “representação ganha atenção por estar intimamente ligada ‘a produção dos significados”, (NETA, 2009, p. 85). Portanto, segundo Hall, 2003; “A representação é portanto, a produção de significados por meio da linguagem, sendo esta entendida em seu sentido amplo,

ou seja, como o conjunto de signos que nos permitem fazer referencia ao mundo real ou imaginativo” (apud Neta, 2009, p 86).

Por se tratar de um conjunto de símbolos, a paisagem pode ser lida, por isto é muitas vezes entendida como um texto, ou seja, a paisagem pode ser lida e interpretada. Neste trabalho buscamos mostrar como a pintura de paisagem expressa os diferentes símbolos que são modificados de acordo com o contexto social, o mesmo ocorre com a conceito utilizado pela ciência geográfica.

BIBLIOGRAFIA

BERTRAND, G. *Paisagem e Geografia Física Global: Esboço Metodológico*. Cadernos de Ciências da Terra do Instituto de Geografia da USP, São Paulo, n. 13, 1972.

BERTRAND, G. BERTRAND, C. *Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades*. Maringá: Massoni, 2007.

BERQUE, A. *Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural*. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.84-91.

CLARK, Kenneth. *Landscape into Art*. London: Ed. John Murray, 2009.

CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (org). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. *Social Formation and Symbolic Landscape*. 2 ed. London: Ed. The University of Wisconsin Press, 1984.

_____. *A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: Corrêa, Roberto Lobato e Rosendahl, Zeny (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

Freitas, João P.; Dória Renato P.. A presença do gênero da paisagem na arte contemporânea. *Horizonte científico*, vol. 5, nº 2, 2011.

HARTSHORE, Richard.

JONES, Michel. *The concept of cultural landscape: discourse and narratives*. In: Palang & Fry, *Landscape Interfaces*. Norwell, Ed. Klumer Academic Publishers, 2003.

KELLER, Susanne. *A respeito da compreensão da geografia pelos artistas viajantes nos séculos XVIII e XIX*. *Revista Porto Alegre*, v.15, nº25, NOV/2008.

KOHNEN, Mansueto. *A arte das terras itálicas - Uma síntese*. REL, vol. 7/8, 1957.

MATTOS, Claudia. A pintura de paisagem entre arte e ciência: Goethe, Hackert, Humboldt. Terceira margem. Revista do programa de pós-graduação em ciência da literatura. Ano VIII, N 10, 2004.

MYANAKI, Jaqueline. *A paisagem no ensino de geografia. Uma estratégia didática a partir da arte*. São Paulo: Dissertação USP, 2003

MELO, Vera. *A paisagem sob as novas abordagens geográficas*. São Paulo: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina, p. 9146-9165, MARÇO-2005.

NAVEH, Zev; LIEBERMAN, Arthur. *Landscape ecology: theory and application*. New York: Springer-Verlag, 1994.

NETA, Maria. *Representações literárias da metrópole: uma contribuição ao estudo urbano em geografia cultural*. Revista Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 35, p. 85-96, JAN/JUN, 2009.

OLWIG, Kenneth R. *Recovering the Substantive Nature of Landscape*. Annals of the association of American Geographers. Vol. 86, n 4. Dez. 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma nova geografia*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2004.

SAUER, C.O. *A morfologia da Paisagem*. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z. (Org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.12-74.

SOCCO, Carlo. *La polesemia del paesaggio*. Seminario Internazionale su " Il senso Del paesaggio" Torino, 8-9/Maio, 1998.

SOTSCHAVA, V.B. *O estudo dos geossistemas. Métodos em questão*. São Paulo: IG, USP, número 16, 1971

SILVERIA, Roberison. *Filosofia, arte e ciência: a paisagem na geografia de Alexander Von Humboldt*. Campinas, 2012 (tese)

STEVENS, Kimm. *Landscape painting*. Copyright Magna Books, London, 1994.

SWINGLEHURST, Edmund. *Vida e obra de Monet*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Editorial S.A, 1980.

VITTE, Antonio; SILVEIRA, Roberison. *A natureza em Alexander Von Humboldt: entre a ontologia e o empirismo*. Mercator - volume 9, número 20, 2010: set./dez. PP. 179-185.

VITTE, Antonio. *O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física*. Mercator - Revista de Geografia da UFC, vol. 6, núm. 11, 2007, pp. 71-78.

WISSE, Jacob. "*Pieter Bruegel the Elder (ca. 1525/30–1569)*". In: Heilbrunn Timeline of Art History. New York: The Metropolitan Museum of Art, 2000–. http://www.metmuseum.org/toah/hd/brue/hd_brue.htm (October 2002).